



A Bíblia afirma que o Espírito Santo intercede pelos salvos com gemidos inexprimíveis (*Rm 8:26*), ou seja, de uma forma tão intensa que não se mostra possível traduzir em palavras humanas.

A razão fundamental para isso reside no fato de que o Espírito de Deus conhece tudo e sabe cada uma das situações vividas pelos homens, ou seja, Ele sente aquilo que nós sentimos (*I Cor 2:10-11*).

Para nós, seres humanos, essas sensações não são assim tão cristalinas, e, embora possamos ter consciência daquilo que se passa com as pessoas que nos cercam, nunca sentiremos exatamente o que o outro sente, mesmo que passando pelas mesmas condições.

Diria que isso representa mais uma prova da misericórdia divina para conosco (*Lm 3:22*), pois o que seria de nós se pudéssemos captar exatamente as dores, os conflitos, o medo, a tristeza, as frustrações e outros sentimentos de uma multidão que estivesse conosco em um teatro, estádio ou igreja?

Provavelmente iríamos morrer sob tal pressão, como pode ser sentido, embora de forma subliminar, por aquele que é usado no dom de palavra da ciência (*I Cor 12:8*), e tem a revelação do mal que atinge alguém.

Em ocasião recente, participei de um congresso nacional onde os objetivos dos representantes, de vários estados brasileiros, deveriam ser, a princípio, uniformes e convergentes.

Já na abertura foi possível identificar o fato que os 4000 participantes se juntavam em grupos, não definidos por sua origem geográfica, que se opunham uns contra os outros.

Até o final do evento, que durou uma semana, as divergências existentes dentro dos próprios grupos floresceram como que regadas por abundante chuva.

No último dia, dedicado a eleição de representantes em um conselho nacional, a “*briga*” se tornou a única unanimidade, com conflitos que permearam todas as reuniões.

Este é um exemplo secular que pode ser entendido como parcial, mas voltando a Palavra de Deus encontramos exemplos claros da postura egocêntrica do homem, onde os problemas e sofrimentos dos outros são da menor relevância:

1. No início dos tempos, dois irmãos viviam praticamente solitários e, por isso, estavam em condições de exercer o tão falado “*amor fraternal*”, mas um deles, sentindo-se como que rejeitado por Deus (Caím) se voltou contra o outro (Abel) e o matou, não tendo demonstrado qualquer sentimento especial diante do seu ato.

...“*E aconteceu ao cabo de dias Caim trouxe da terra uma oferta ao Senhor*” (algo que ele considerava o máximo, pois havia sido produzido com suas mãos e esforço).

“*Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura; e atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta.* (não pelo mérito que existisse na atitude de Abel, mas por ter ele se enquadrado no Plano Eterno, de acordo com o qual somente com sangue pode existir expiação de pecados (*Hb 9:22*)).

...“*E falou Caím com seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caím contra seu irmão Abel, e o matou*”... (uma ação de egoísmo que afirma ser inaceitável alguém estar feliz, bem e abençoado, se eu também não estiver). (*Gn 4:1-16*).

2. Duas mulheres açoitadas pela fome decidem sacrificar seus filhos para sobreviver, mas o plano se complica ainda mais quando uma não quer cumprir o trato feito.

...“*E houve grande fome em Samaria...*

...“*E sucedeu que passando o rei pelo muro uma mulher lhe bradou, dizendo: Acode-me, ó rei, meu senhor*”.

...“Disse-lhe mais o rei: Que tens? E disse ela: Esta mulher me disse: Dá cá o teu filho para que hoje o comamos e, amanhã, comeremos o meu filho”. (uma amostra dramática de como o sofrimento pessoal pode afastar até os sentimentos mais profundos, como o amor de mãe, usado por Deus como exemplar (*Isa 49:15*)).

“Cozemos, pois o meu filho, e o comemos, mas dizendo-lhe eu ao outro dia: Dá cá o teu filho para que o comamos; escondeu o seu filho”. (O egoísmo levado a uma condição de perplexidade, onde nem o trato mais estranho e forte se mantém).

“E sucedeu que, ouvindo o rei as palavras desta mulher, rasgou os seus vestidos...” (A declaração da mulher causou tanto espanto e indignação daquele rei que ele usou uma forma clássica de Israel para mostrar o seu repúdio (*1 Sm 13:31; Joel 2:13*). Afinal o que queriam dizer essas palavras, buscava a mulher o apoio do rei para que pudessem cozer e comer a outra criança?!!!!!!).

3. Deus, por intermédio de Samuel, descreve ao povo de Israel qual seria o comportamento padrão do rei que eles haviam pedido para reinar sobre eles. Algo totalmente egoísta que se aplica a governantes de todos os tempos e lugares.

...“E disseram-lhe:....constitui-nos pois agora um rei sobre nós”...

...“E falou Samuel todas as palavras do Senhor ao povo, que lhe pedira um rei.”

“E disse: Este será o costume do rei que houver de reinar sobre vós: ele tomara os vossos filhos, e os empregará para os seus carros, e para seus cavaleiros, para que corram adiante dos seus carros”...

...“e para que lavrem a sua lavoura, e seguem a sua sega, e façam as suas armas de guerra e os apetrechos dos seus carros”...

“E as vossas sementes, e as vossas vinhas dizimará, para dar aos seus eunucos e aos seus criados...” (*1 Sm 8:1-22*).

Isso que aqui se explicita foi confirmado, na prática, ao longo da vida do reino de Israel:

3.1. Pelos atos do grande rei Salomão, que embora sábio e correto, não deixou de matar os seus adversários, ao subir ao trono (*I Rs 2: 12-46*).

3.2. Pelo rei Acabe, que além de mau rei, matou, com o apoio de Jezabel a Nabote, pois ele não queria lhe vender uma vinha, herança de família (*I Rs 21: 1-16*).

Pessoalmente, porém, considero que o exemplo mais interessante surge com o rei Ezequias, a quem costume denominar “*o egoísta abençoado*”.

Este rei adoeceu de uma enfermidade mortal, mas orou ao Senhor que o curou de forma milagrosa, inclusive com sinais especiais, como o do relógio de sol (*Isa 38:1-22*).

Empolgado com tudo isso não teve a prudência de ser conservador diante de um rei adversário que o visitava, e lhe mostrou todos os tesouros que havia em sua casa e no templo (*Isa 39:1-4*).

Advertido pelo profeta Isaias soube que todos esses tesouros seriam tomados pelo rei da babilônia, depois de sua morte e no reinado de seus descendentes (*Isa 39:5-7*).

“Então disse Ezequias a Isaias: Boa é a palavra do Senhor que disseste. Disse maia: Porque haverá paz e verdade em meus dias” (o que acontecer depois não é problema meu). (*Isa 39:8*).

Estas considerações nos levam a conclusão simples que o “*homem natural*” é basicamente incapaz de um verdadeiro sentimento de amor e de dedicação para com o seu próximo.

Isso não representa conclusão apressada, julgamento pessoal ou aleatório, uma vez que o grande doutrinador, Paulo, já trazia tal consideração, séculos atrás:

...“E eles não se importaram de ter conhecimento de Deus...para fazerem coisas que não convêm...”

“Sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes a pais e mães”.

“Néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia...” (Rm 1:18-32).

“Sabe, porém, isto; que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos.”

“Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos.”

“Sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons”.

“Traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus”. (II Tm 3:1-4).

Jesus de forma direta se refere àqueles que querem estar sempre em evidência, tomando à frente dos outros, se necessário com rudeza e sem respeitar situações, pois pretendem ser *“os bons”* (Mt 23:5-7).

Na parábola do fariseu e do publicano, o primeiro contava vantagens diante de Deus, fazendo comparações com o segundo, que, de acordo com ele, era um desqualificado, mas sua oração não foi aceita (Lc 18:9-14).

Mais profunda, ainda, é a reprimenda do mestre a respeito de atitudes que possam ser adotadas não por amor e sentimento real, mas em busca de recompensa e retorno:

“E, se amardes os que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores (homens naturais) amam aos que os amam.”

“E, se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também os pecadores (homens naturais) fazem o mesmo.”

“E, se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores (homens naturais) emprestam aos pecadores (homens naturais), para tornarem a receber outro tanto”. (Lc 6:32-34).

A visão trazida por Jesus , no mesmo evangelho de Lucas, e totalmente outra:

“Amai, pois aos vossos inimigos, fazei bem, e emprestai, sem nada esperar, e será grande o vosso galardão, e serei filhos do Altíssimo, porque Ele é benigno até para com os ingratos e maus”. (Lc 6:35).

Em sua extraordinária conversa final com os discípulos Cristo fala sobre a prova de seu amor para com a humanidade, que se cristaliza no fato de Deus ter aberto mão de seu Filho único, em favor de pessoas más e pecadoras, que iriam levá-lo até a cruz (*Jo 3:16*).

“Ninguém tem amor maior do que este de dar alguém a sua vida pelos seus amigos”.

“Vos sereis meus amigos se fizerdes o que eu vos mando”. (Jo 15:13-14).

Chama a nossa atenção o fato de que Jesus morreu pela humanidade como um todo, sendo o interesse divino que todos se salvem (*1 Tm 2:4*), mas, efetivamente, esse sacrifício só se torna válido e aplicável para aqueles que o aceitam e andam de acordo com sua vontade, ou seja, os seus *“amigos”*.

Quando falamos em *“fazer aquilo que Jesus nos ordena”*, estamos longe de religião, regras formais de conduta, rituais e sacrifícios, mas podemos sintetizar tudo em uma única ordem direta:

“O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei”. (Jo 15:12).

Se isso parece fácil devemos nos recordar que Jesus, amou os inimigos, perdoou os que o crucificavam, e deu a vida por aqueles que o rejeitavam. Dá para fazer isto?

João, agora em sua cartas dá ênfase especial ao amor entre as pessoas, caracterizando-o como prova real de que alguém tem amor por Deus:

“Se alguém diz: Eu amo a Deus, e aborrece a seu irmão, é mentiroso”.

“Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como amará a Deus, a quem não viu?”

“E dele temos este mandamento: que quem ama a Deus, ame também seu irmão”. (1 Jo 4:20).

Se lançássemos algumas das principais recomendações bíblicas sobre este tema em um quadro sintético, teríamos:

A ordem ou a lição bíblica	Referências
A parábola do bom samaritano nos indica que o próximo não é somente o parente ou amigo, mas aquele que encontramos com necessidade de nosso apoio.	<i>Lc 10:25-37</i>
É regra básica, do Velho e do Novo Testamento, que devemos amar aos outros como amamos a nós mesmos.	<i>Tg 2:8; Gl 5:14; Rm 13:9; Mc 12:31</i>
Nossa ajuda tem que se estender mesmo para os inimigos e os que nos perseguem.	<i>Lc 6:27-35; Rm 12:20</i>
É necessário desejar bênçãos para aqueles que não nos são gratos.	<i>Rm 12:14</i>
Perdoar as pessoas que nos magoam e nos ofendem é requisito para estar bem com Deus.	<i>Mt 18:21-22; Cl 3:13; Lc 6:37</i>
Devemos oferecer a outra face para os que nos ferirem em uma.	<i>Lc 6:29</i>

Sentimos existir um grande abismo entre a figura trazida na parábola do bom Samaritano e a atitude de Caím matando seu irmão por um motivo absolutamente mesquinho.

Seriam as considerações de Jesus, sobre o amor ao próximo uma utopia? Como tornar tais idéias em metas realizáveis?

Veja que Jesus não está se limitando a meras palavras bonitas, considerações fugazes que nunca chegam a prática, mesmo porque, para ele, somente o ouvir e cumprir tem valor efetivo:

“Portanto, pelos frutos os conhecereis...”

“Todo aquele pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelha-lo-ei ao homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha...”

...“E aquele que ouve estas minhas palavras, e as não cumpre, compara-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia”. (Mt 7:20-26).

De fato, deus nunca disse ao homem para fazer algo que lhe fosse impossível, mas sempre oferece os meios para que isso aconteça, afinal tanto o querer como o realizar pertencem a Ele (*Fp 2:13*).

A direção de Deus não é religiosa, moralista ou formal, mas espiritual, e Jesus propõe uma revisão completa na natureza do homem, e não um *“remendo”*, pois este acabará destruindo o que existia (*Mt 9:16; Mc 2:21*).

Sua instrução salvadora a Nicodemos mostra que a morte de cruz abre espaço para a existência de uma *“nova criatura”*, gerada pela palavra e pelo Espírito Santo, oferecendo uma nova vida (*Jo 3: 1-21; Ef 2:16; Cl 2:14*).

Esta *“nova criatura”* não é mais uma mera unidade isolada, mas parte de algo maior e eterno, de tal forma que, ao falarmos em *“amar ao outro”*, em verdade não existe *“outro”*, mas parte de nós mesmos, como um *“corpo”* que é, de certa forma, indivisível.

Paulo nos ilustra a esse respeito em mais do que uma das suas importantes cartas doutrinárias:

“Porque assim como em um corpo temos muitos membros; e nem todos os membros têm a mesma operação”.

“Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros.” (Rm 12:4-5).

“Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo; porque todos participamos do mesmo pão.” (o corpo de Cristo = pão: Mc 14:22). (I Cor 10:17).

“Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também...”

*...“Para que não haja divisão do corpo, mas antes **tenham, os membros, igual cuidado uns dos outros**”.*

*“De maneira que, **se um membro padece, todos os membros padecem com ele**, e se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele...” (I Cor 12:12-31).*

“Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação”...

...“Antes, segundo a unidade em caridade, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”.

Do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas juntas, segundo a justa operação de cada parte, para o crescimento do corpo, para a edificação em amor”. (Ef 4:3-16).

Temos que frisar o fato de que essa unidade entre pessoas nascidas de novo não se limita ao âmbito humano, mas está vinculada ao próprio Deus, uma vez que essa foi a oração de Jesus por nós:

“Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim”.

“Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mi, e eu em ti; que também eles sejam um em nós para que o mundo creia que tu me enviaste”. (Jo 17: 20-21).

A Bíblia fala que esposo e esposa formam *“uma só carne”* (), algo indivisível, e a relação entre Cristo e a igreja, formada por aqueles que são salvos, tem como uma das figuras exatamente a idéia de uma *“noiva perfeita”* ().

De outra parte, não somente existe a necessidade que amemos os que já partilham conosco a fé em Jesus, mas também, as almas perdidas (), pois elas são as *“partes faltantes”* do corpo, que devem ser trazidas o mais breve possível para este convívio.

A ausência do amor entre os que são parte integrante da Igreja eterna, e fator de impedimento para que novas pessoas creiam em Jesus, como nos mostram as palavras da oração do Mestre.

Conceito semelhante nos é trazido por Pedro, que, contudo, considera um edifício divino que está sendo construído, não com materiais comuns, mas com *“pedras vivas”*, que somos nós:

“Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Cristo Jesus.” (1 Pe 2:5).